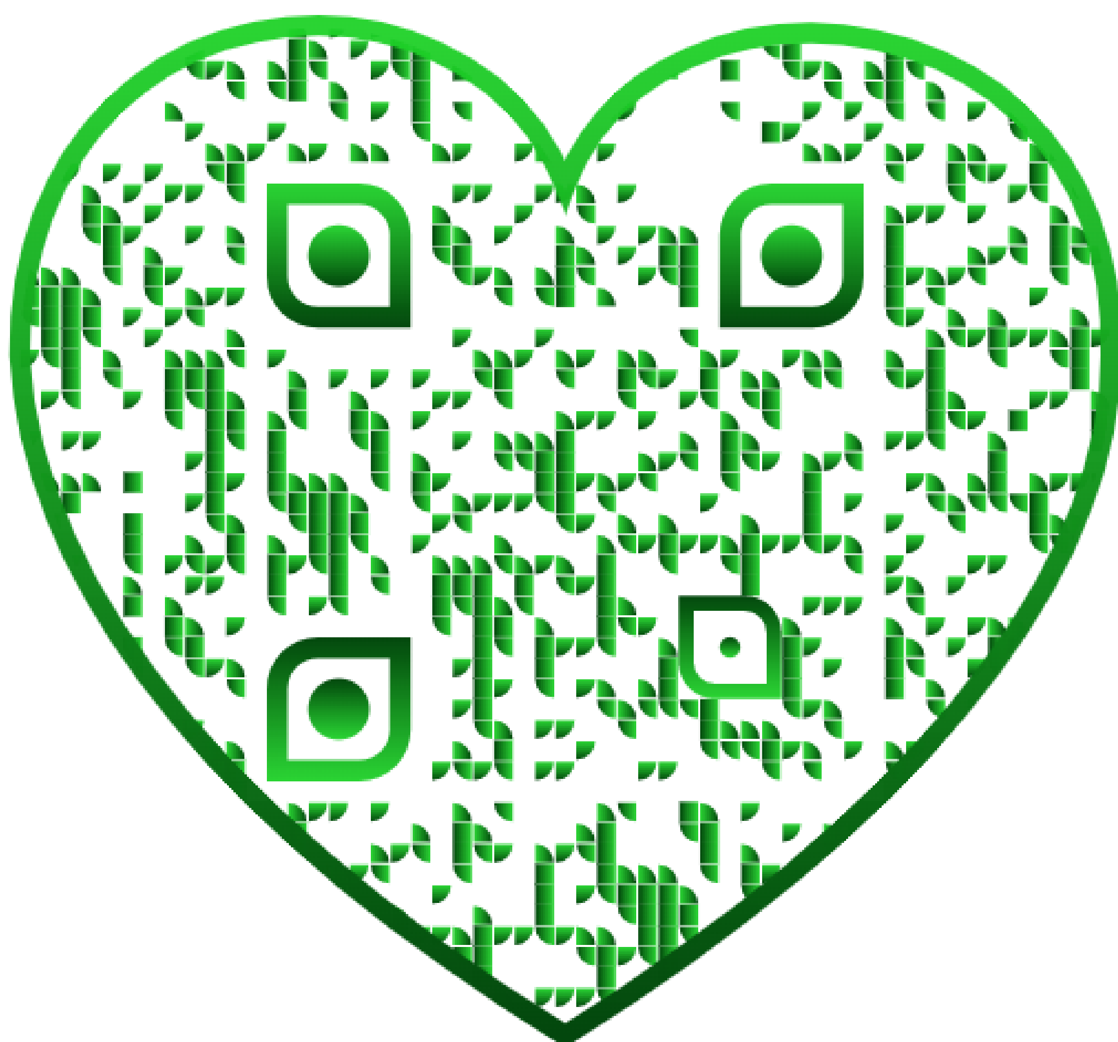


PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com



O Chifre Negro

um conto de fadas adulto

escrito e ilustrado por

Camila Fernandes

Março de 2006

Respeite o direito autoral. Não utilize este texto sem o prévio consentimento da autora. Caso deseje fazer uso do referido texto, entre em contato: camilailustradora@gmail.com

PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

Introdução

O Chifre Negro teve seus 5 capítulos publicados pela primeira vez em meu blog literário, O Demo Sentado em Meu Ombro. Este livro digital, ou e-book, traz a você o texto completo.

Este é o primeiro de uma série de contos de fadas incomuns. O que os diferencia das histórias clássicas que você ouviu na infância? É simples: estas são histórias para adultos – deixem-nas fora do alcance das crianças. Recheadas de simbolismo, magia, intrigas e, inevitavelmente violência, são metáforas para nossas próprias vidas. Falam do desabrochar para a realidade, da perda da inocência, das decisões certas e erradas, do amor – e, é claro, do ódio.

Aqui não há censura, príncipes encantados ou fadas benfeitoras. Aqui estamos nós – seres humanos, com nossa beleza e nossa crueldade – trilhando caminhos de luz e de sombra.

Espero, leitor, que aprecie esta aventura metade sonho, metade pesadelo.

Camila Fernandes

É escritora e ilustradora, co-autora dos livros *Necrópole – histórias de vampiros* e *Necrópole – histórias de fantasmas* (www.necropole.com.br). Conheça seu portfólio em: www.camilailustradora.ubbi.com.br

PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

Capítulo 1:
Se as belas são feras.



O Rei ancião ressonava pesado. O homem de pé, nem tão mais moço, tomou-lhe de novo a pulsação. Pousou a palma leve da mão no peito que subia e descia.

– Seu coração está exausto – falou num sussurro. – Trabalhou duro por muitos anos e quer descansar de vez.

Ao seu lado, olhos se arregalaram em desesperança. Eram azuis, talvez demais, e pertenciam à moça que, sentada à cabeceira do doente, afofava seu travesseiro. Filha, Princesa, cabelos dourados e pele muito clara corada por manhãs de sol bom. Menina bela a meio caminho de bela mulher.

– Então ele vai morrer – ela disse sem conformar-se. – Nada mais pode ser feito?

O homem de barba, sem bigodes, franziu o cenho triste.

– Sua alteza faria melhor em procurar o consolo na felicidade de um bom casamento. Seria bom apressar-se, para que o reino não fique sem um rei.

– E como é que a morte de um pai pode permitir a felicidade da filha, ainda que com o melhor dos noivos? – A Princesa se levantou, fugindo da idéia. – Além disso... os pretendentes não me agradam – confessou em meia-voz.

PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

– Mas pode realizar o sonho de seu Rei, fazendo a paz com o Reino ao Lado. Despose o Príncipe Inimigo e terminará com a guerra que fez de seu pai um velho tão cedo.

A menina já não ouvia. Tinha os pensamentos além da janela aberta, por onde encarava o horizonte.

– Não – disse. – O dia é bonito demais para um funeral. – Lá... em algum lugar, algo que não temos ou não sabemos. Algo deve curar meu pai. Médico, filósofo, Conselheiro – o senhor sempre serviu bem a meu pai. Seja também meu Conselheiro, mas não me fale em núpcias. Diga-me como salvar o Rei, pois não desejo outra coisa.

O sábio pigarreou, vacilou; tinha as mãos às costas, pensando se escondia ou revelava o que ia em sua cabeça. Aproximou-se também da janela.

– Há uma coisa – disse –, ou talvez não haja. Não sei ao certo. Mas se eu pudesse perguntar aos antigos eles diriam que há.

– O que é?

– O chifre de um unicórnio. O cálice feito do chifre de um unicórnio tornará o vinho em seu interior no remédio absoluto, curador de qualquer mal. Contudo – resmungou sem ânimo –, em todos os meus anos de estudos eu jamais vi um, nem conheço quem possua semelhante artefato.

– Pois então conheça. Consiga-me um chifre de unicórnio.

O homem suspirou longamente.

– Um velho não pode obter isso. Um soldado, tampouco, nem um exército, nem um decreto real. – E agora o homem ria um riso discreto, meio tosse, meio amargo, mas parou e olhou a Princesa nos olhos cujo azul desafiava o do céu. – Os unicórnios são criaturas raras, belas como corcéis divinos, mas ferozes como bestas do inferno. Não, não; os homens podem guerrear para arrancar seu poder e beber no seu chifre, mas um desses animais magníficos, se importunado, pode pôr fim a uma legião. Assim diziam os antigos, antes de eu nascer, no tempo em que meu próprio mestre era menino. Apenas um outro ser, seu rival em beleza, dignidade e pureza, seria capaz de domá-lo.

– E que criatura seria essa?

– Uma donzela – sorriu o Conselheiro.

PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

A Princesa voltou-se em desafio. Por um instante o velho imaginou-a ofendida. Mas ela o encarou na seriedade de um túmulo.

– Serei essa donzela – falou. – Diga o que preciso fazer para ter o poder do chifre do unicórnio. Diga-me aonde devo ir, o que devo dizer, cantar ou sacrificar.

O sábio tinha uma tristeza aflita no rosto muito franzido quando a tocou por instinto nos ombros.

– Não – disse com firmeza. – Sua alteza é a única herdeira do trono. Se o Rei morrer eu devo zelar por sua segurança. Acredite: essa criatura que se parece com um sonho é na verdade um pesadelo vivo. Se ela olhar em seus olhos e não a considerar digna, irá destruí-la sem pena. Não deve correr perigo. Eu lhe peço: deixe que outra pessoa vá em seu lugar. Há centenas de donzelas no Reino Daqui que certamente se arriscariam felizes pela vida de seu soberano...

– Não! – respondeu a menina. – Eu sou a filha do Rei. Quem morreria por ele com mais alegria? Que amor pode ser mais forte do que o meu? E quem poderia – acrescentou com um sorriso ligeiro de triunfo – ser mais digna do que uma Princesa?

O Conselheiro a fitou demoradamente. Por fim, pôs os olhos no chão.

– Com ou sem o Rei, em breve eu serei sua rainha – disse ela num tom controlado. – Por isso, faça de meu pedido uma ordem. Diga-me onde encontrar o unicórnio e como devo me preparar para arrancar o chifre de sua cabeça.

Assim, no dia seguinte, muito cedo, a Princesa partiu para a floresta acompanhada de metade da guarda real, comitiva estranha e agressiva para uma manhã tão suave. Liderava o grupo armado um Capitão herói, homem de muitas batalhas e poucas palavras. Ia triste: amava o Rei e pensava que a Princesa, na iminência de perder o pai, enlouquecera. Procurar unicórnios! Mas ela ia de queixo erguido, montada na égua mansa cor de canela, o longo vestido de linho branco acenando na brisa, a cabeleira de ouro rivalizando com o sol. Uma noiva predestinada, pensariam os viajantes que a vissem. Mas a comitiva não tomou a Estrada Real. Seguiram em fila pela trilha que levava ao Bosque Escuro, primeiro larga, percorrida na boa

PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

estação por nobres caçadores com seus cães e arcos e criados, depois estreita e hostil, fazendo as espadas saírem das bainhas para abrirem caminho com força.

O Conselheiro devia ficar, velar o Rei em agonia, e daquela janela observou o cortejo ser engolido, soldado após soldado, pela folhagem do Bosque. Suspirou uma prece aos espíritos das árvores para que dessem bom termo à missão da Princesa.

– Se preciso, arrancarei o chifre da besta com minhas próprias mãos – jurara, cruel, a donzela – e farei com sua pele um casaco de inverno.

A Princesa tinha flores silvestres em feição de coroa em torno da cabeça. As pétalas frescas perfumavam seus cabelos. O orvalho da noite ainda brilhante nas folhas do bosque colocou diamantes de água em suas bochechas e cílios. Os soldados suspiraram felizes por escoltar um anjo.

A mata era densa, mas a comitiva chegou por fim a uma clareira, e a Princesa ergueu a mão: bom lugar para apear. Os guerreiros sabiam o que fazer. Ocultaram-se como animais de caça no Bosque Escuro, não muito longe, não muito perto, e a Princesa sentou-se entre as raízes de uma árvore frondosa, suas pernas muito juntas, joelhos arqueados, as saias brancas espalhadas sobre as folhas secas, tapete que estalava.

E esperou.

PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

Capítulo 2:
A caça ao tesouro alheio.



Viu o sol subir e vazar em raios luminosos entre as copas das árvores e sentiu fome, e nada aconteceu que não o salto de uma lebre e o vôo dos pássaros, mas ela não quis partir. Seu pai, o Rei, esperava por ela no castelo: estava determinada. O Capitão, seu servo fiel, zelava por ela entre os arbustos: estava segura.

Viu também o sol ir desmaiando lento em sua cama no oeste, estendendo no céu um lençol púrpura. Mas ainda assim não se ergueu para partir. Foi quando ouviu o estalo, aquele que fez seu coração saltar. Ouviu outro estalo, e este fez de seu peito um tambor.

Os sons delicados da mata em movimento logo revelaram o ruído seco dos cascos. Vacilaram, desconfiados talvez, mas se avizinharam mesmo assim.

A grande cabeça surgiu do verde do bosque. Era negra, espantosa; erguia-se no topo de um pescoço longo e forte e patas poderosas cujos tornozelos arrastavam longas franjas negras sobre os cascos. O corpo se revelou alto, reluzente. A criatura deteve o passo, como se soubesse dos olhos que dissimulados a admiravam. E o chifre – feito de grossos anéis,

PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

reto, muito agudo e lustroso como uma adaga de obsidiana – rebateu um raio de sol e cegou todas as vistas.

A Princesa levou a mão aos olhos para protegê-los, mas era tarde. Fora tocada pela beleza do Unicórnio.

O grande animal negro aproximou-se, o som de seus passos fazendo eco no coração da donzela. Parou a uma distância decisiva, em que poderia tocá-la com o focinho de veludo ou trespassar seu corpo com a lança em sua testa. Bufou impaciente. Mas a Princesa não temeu, nem piscou. Sustentou o olhar nos olhos muito pretos da criatura: de tão pretos, quase rubros.

Sentiu a ponta do chifre roçar perigosa em seu rosto, e não tremeu. Então o animal baixou de vez o pescoço, arqueou uma perna, depois outra, e por fim repousou a pesada cabeça no colo da Princesa. Ela mergulhou os dedos delicados na sua crina selvagem. O nobre animal se rendera; era refém da beleza de uma donzela, e o tempo parara naquele colo branco, naquela cria negra, e tudo era silêncio.

Mas um novo estalo se fez ouvir, e outro, e outro, e logo uma dúzia de guerreiros armados se erguia, metal entre folhas, saltando para a clareira e cercando o idílico par.

O Unicórnio retesou-se, fera acuada, quando um laço voou para seu pescoço. Seguiu-se outro, e então mais outro, e o animal teve sua cabeça presa por grossas cordas. A Princesa gritou, subitamente desperta, subitamente arrependida do crime que antes desejara ardentemente cometer. O Unicórnio devia morrer para que seu pai vivesse. Mas ela gritava, oh, não, oh, não, e os soldados, fiéis à missão, eram surdos à sua súplica.

O animal aquietou-se, resfolegando do esforço pela liberdade, e julgaram-no derrotado. Um ou dois suspiros de alívio e assobios de vitória se ergueram na clareira. Mas o olhar do corcel se cruzou com o da Princesa, e ela chorava, e as lágrimas em seus olhos eram tão genuínas quanto o ódio nos dele.

De repente, o Unicórnio empinou-se, então, corcoveou e suas patas traseiras atingiram o peito de um soldado, atirando-o de uma vez no chão. O animal o pisoteou, um ato calculado que esmagou o pescoço do homem,

PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

e uma chuva de coices seguiu-se. A fera bufava, relinchava furiosa, arremetia contra os soldados. Derrubou dois, pisando com força por cima de seus escudos, escoiceando e se contorcendo. Um arqueiro lhe acertou uma flecha no flanco direito, e o animal correu para ele e o golpeou com as patas dianteiras. O sangue escorreu farto da ferida, mas seu ódio era maior do que sua dor. Outro guerreiro investiu contra ele empunhando uma espada; o ágil garanhão escapou do golpe curvando-se e usando o próprio corpanzil para esmagar o inimigo contra uma árvore. Um a um, os soldados da Guarda Real sofreram a fúria do animal traído. Mas ele reservou sua arma mais letal para o último, o líder, o Capitão.

O Unicórnio raspou o chão com a pata esquerda, o pescoço arqueado, os olhos fixos no combatente. O Capitão, ciente da nobreza do corcel, curvou-se em reverência, mas manteve a espada em punho, reconhecendo a luta iminente. Então, homem e besta correram de encontro um ao outro, e a lâmina colidiu contra o chifre negro. O animal ganhou distância e investiu mais uma vez, só mais uma, contra o guerreiro. Mas seu chifre não procurou a espada. Encontrou o peito do Capitão e, rompendo metal, carne e osso, perfurou seu coração. Uma morte digna para um digno adversário.

O corpo do homem tombou quando o Unicórnio retirou depressa, ato único, seu chifre do peito rompido. Bufou e ofegou, e seu olhar percorreu a clareira. O sangue banhava seu peito, sangue dele e de outros. Os inimigos jaziam no chão. Restava um, porém, e este soluçava agarrado a uma árvore, os grandes olhos azuis comprimidos no rosto, as mãos crispadas junto ao peito. A Princesa chorava.

Atreveu-se a olhar nos olhos da negra besta, e não desviou os seus. Devia morrer agora. Que o fizesse então de cabeça erguida.

Mas o animal não se aproximou, não corcoveou, nem a alcançou com a lança que tinha por chifre, agora vermelha do sangue de um herói. Ele a encarou por um longo instante de mágoa; então, deu-lhe as costas. Galopou para longe.

A donzela viu confusa o corcel se afastar. Depois, levantou-se e olhou ao seu redor: o horror da matança e dos corpos espalhados finalmente a tornara insensível. Já não conseguia chorar ou gritar. Tentou

PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

andar, e suas pernas demoraram para cumprir sua vontade. Os passos miúdos se afastaram devagar daquele local de morte. Devia voltar para o castelo e conformar-se; prantearia o pai e vestiria preto, então vestiria branco outra vez e enviaria emissários ao Príncipe Inimigo, solicitando-o como aliado e marido. Assim devia ser.

Olhou ao seu redor, porém, e não reconheceu a mata. Correu para um lado, depois para outro; a trilha aberta pelos soldados fora como que engolida pelas árvores. Então, com um gemido, admitiu que estava perdida.

PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

Capítulo 3:
A serventia da virtude.



Andou e andou por sobre pedriscos e lama, buscando sinais do próprio caminho. Os raios do sol já não passavam pela folhagem. O céu escurecia e ela não conhecia as estrelas, não sabia traçar seu percurso por elas como um cavaleiro ou navegante. Então, realmente sentiu medo. Sua boca estava seca e seu estômago se contorcia. Era uma Princesa, nascida entre bordados e criados, e nada sabia do Bosque Escuro.

De manhã, pensou, veria o sol e por ele saberia seguir para o leste. Mas era noite, e teria de salvar-se de tudo o que se movia nas sombras. Ouviu sons no fundo da mata e sentiu seu corpo gelar de frio e temor. Mas viu também uma luz e assim teve certeza de que eram homens. Sim: cavalheiros, decerto vassalos do Rei! Eles a conduziriam em segurança ao castelo. Por isso, sem muito pensar, ela correu para a luz.

Os homens se sobressaltaram ao ver surgir dentre as árvores a donzela resfolegante, o vestido sujo de barro e sangue, a grinalda de flores desmanchada nos cabelos eriçados. Olharam para ela com indecifrável interesse. Era um pequeno grupo, um senhor bem vestido e quatro

PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

empregados que recolhiam o pesado corpo de um javali morto havia pouco. A luz vinha do candeeiro que um deles carregava. Por fim o líder sorriu. Mas não era para ela que sorria.

– Vejam – disse para seus homens –, um presente do bosque para os caçadores.

E os servos riram, mas a donzela ofendida respondeu com firmeza:

– Sou a Princesa do Reino Daqui!

Então os homens gargalharam com mais gosto.

– Uma Princesa não anda sozinha na mata – disse o senhor – nem veste roupas imundas. – E dizendo isso deu um puxão na barra da sua saia já desfeita, que a fez gritar em protesto.

– Sou a Princesa e exijo que me levem ao castelo Daqui! O Rei os recompensará com muita generosidade.

– Se fosse mesmo a Princesa, saberia que o Rei está morto.

– É mentira! – gritou em lágrimas. – Ele vive! E ainda viverá quando...

– Não viverá muito tempo de qualquer jeito. – O homem se aproximou dela com um sorriso maldoso, e ela sem querer recuou. – Além do mais, não estamos no Reino Daqui. Você cruzou a fronteira há muito tempo, Princesa dos Mendigos. Estamos no glorioso Reino ao Lado. E aqui a lei do seu Rei é lixo. – Falando assim ele se virou para seus homens e, sem olhar para ela uma segunda vez, repetiu: – Uma pequena dádiva da mata para os caçadores. Façam bom uso dela.

– Sim, meu Príncipe – responderam os servos.

A donzela gritou, vociferou, xingou e suplicou, mas naquela noite, naquele lugar, suas palavras nada eram. Os homens tentaram silenciar seus protestos com golpes no rosto. Depois, desistiram disso ou passaram a achar graça nos seus gritos. Eles violaram sua honra e se divertiram com seu corpo repetidas vezes antes de ordenar que fosse embora se não quisesse morrer. Apenas o Príncipe Inimigo não quis tocá-la, pois não gostava de mulheres sujas, e enquanto os homens riam e a empurravam entre si ele também sorria, chamando-a Princesa dos Porcos. Foi uma noite muito longa.

PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

Naquela manhã o sol tinha uma luz morta, enlutada num véu de nuvens, e o céu ficou cinzento. A Princesa abriu os olhos e não estava em sua cama. Não sonhara. Naquela noite, havia realmente perdido muito; coisas de pouca importância, como os sapatos de pelica, que mesmo assim faziam falta aos seus pés descalços sobre pedras e espinhos; e coisas caras. Muito caras.

Tocou os próprios lábios e sentiu o sangue que secara sobre eles; sua boca latejava. Então, levou a mão ao baixo ventre e ao toque dos próprios dedos ela sentiu dor outra vez. Uma dor que já não estava ali, no corpo, mas na alma, e que não passaria.

Podia ser Princesa, mas já não era donzela, e uma coisa de nada valia sem a outra. Nobre algum a desposaria agora.

Tinha a mente perdida em mil dilemas e dores; mal se deu conta dos sons que se aproximavam depressa. Homens na mata. Seu corpo todo se preparou para a fuga, para a proteção; mas acabou por reconhecer que as vozes pertenciam a soldados e que esses soldados chamavam... por ela.

Sim. Todo um dia se passara desde que deixara o castelo. Certamente o Conselheiro decidira mandar uma tropa em busca da que partira escoltando a Princesa. Naquele momento, já deveriam ter passado pelos guerreiros mortos e recolhido seus corpos. Mas ainda precisavam devolver ao Rei sua querida filha, mesmo que para isso devessem atravessar o Bosque Escuro até os limites do Reino ao Lado.

Quando percebeu as vozes perto demais, escondeu-se.

O Príncipe Inimigo dissera que seu pai enfim morrera. Se fosse verdade, então tudo estava perdido. O Rei morto, o Capitão de sua guarda assassinado, a Princesa desaparecida: o reino logo seria reclamado por algum duque vizinho ou invadido pelas tropas do Reino ao Lado. Se fosse mentira e seu pai ainda vivesse, de que adiantaria voltar ao castelo? Falhara em obter a cura para seu mal e estava desonrada. Traria vergonha ao Reino Daqui, viveria enclausurada, morreria sozinha.

Não voltaria; não podia. Que por todo o reino acreditassem que ela perecera, como os bravos que a acompanhavam, sob as patas da fera de um só chifre, buscando a cura para o Rei. Que seu nome fosse lembrado com honra e tristeza e não com vergonha.

PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

Deixou que os homens passassem por perto sem responder aos seus chamados. Depois, afastou-se na direção contrária.

Mas que faria de si mesma? Que destino teria, perdida em terras inimigas? Buscar uma vila, quem sabe, e imiscuir-se entre os miseráveis, entre os doentes e arruinados, e finalizar assim sua desventura? Desgraçada, vender o corpo, havia pouco virginal, por um pedaço de pão? Não... oh, não.

Havia um deserto em sua garganta. O sabor amargo na boca também pedia água. Ela vagou lentamente, procurando onde matar sua sede. E foi à beira de um pequeno lago que encontrou mais do que esperava.

PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

Capítulo 4:
No mal, a cura.



Ali, na outra margem, oculto nas sombras das árvores frondosas como um rei sob o dossel de sua cama. Ali estava ele. Negro, ainda vigoroso, mas combalido. Estava deitado em suas próprias patas dobradas, a cabeça baixa, como a suportar o peso de um grande sofrimento. Seus olhos estavam fechados; seu peito, perfurado ainda pela flecha.

Por um instante ela não se moveu e nada disse. Seria o Unicórnio capaz de perceber sua presença? Teria ele agora um ódio ferino, mortal, por sua figura? Perguntas que a distância e o silêncio não poderiam responder.

A Princesa pôs um pé na água, sentiu-a fresca; depois, o outro, e pisou com cuidado as pedras lisas do leito do lago, experimentando sua profundidade. Logo suas pernas sumiram e suas roupas, se ainda era possível chamar roupas aos trapos que arrastava, se enfunaram na superfície da água. Seu corpo afundou até a altura do peito e ela sentiu o frescor afagar sua carne ferida. O que restara do seu vestido só fazia transtornar-lhe o passo. Livrou-se então dos andrajos, que escorregaram brancos e leves no espelho prateado do lago feito nuvens no céu cinzento. Quando alcançou a margem rasa, estava nua; sentia-se limpa.

O Unicórnio finalmente ergueu a cabeça e a viu, mas nada fez para defender-se ou atacá-la. Observou enquanto ela saía da água. Seu olhar não

PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

falava de traição ou vingança. Apenas fitava. O peito estremecia com a respiração sôfrega. A ferida não sangrava mais, mas a flecha estava ali, fincada, dolorosa.

A Princesa se aproximou e se ajoelhou devagar diante da criatura. O animal que ela desejara domar e matar e pelo qual se embrenhara no Bosque Escuro e perdera sua virtude agora estava ali, uma vez mais à disposição de sua compaixão – ou de sua crueldade.

– Na clareira – ela murmurou – eu o traí, e você me deixou viver. Você deveria me odiar, mas não vejo ódio em seus olhos. Eu perdi tudo caçando-o. Também deveria odiá-lo. Mas...

Ela deteve a própria voz, tocando na flecha com os dedos finos que lentamente a envolveram e com força começaram a puxá-la. O Unicórnio bufou e se remexeu, mas não se ergueu ou saiu do lugar. A dor arrancou dele um relincho sofrido, e o esforço fez a Princesa grunhir, mas a flecha por fim soltou-se do corpo negro. Respingos de sangue pintaram o rosto da menina e um fio ainda escorreu da ferida. No entanto, livre da flecha, a carne do forte animal se curaria sozinha.

A Princesa então terminou sua sentença:

– Não o odeio. Queria domá-lo, mas fui domada. Como você, fui atraída, emboscada e ferida – no corpo e na alma. Só agora compreendo o que disse meu Conselheiro. Nós somos iguais.

Ergueu-se e acariciou a testa aveludada do animal, que esticou o pescoço em sua direção. A ponta do perigoso chifre pousou com suavidade no queixo da menina; depois, deslizou para o ventre. O toque a envolveu num calor momentâneo e bem-vindo. E ela não sentiu mais dor.

PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

Capítulo 5:
Final. Feliz?



No quarto escuro o Rei ergueu devagar a mão. O Conselheiro sentou-se ao pé da cama e apanhou-a; fora forte e vigorosa, mas agora era a mão de um ancião exaurido pelos anos e devorado pela doença. Os lábios se moviam, mas o Rei já não tinha voz. O sábio homem ao seu lado, porém, percebeu qual era a sua pergunta muda.

– Não, sua majestade – sussurrou. – Os soldados ainda não a encontraram. Eu lamento muito.

Seus olhos e ouvidos subitamente se voltaram para um som abafado que vinha de longe. O som transformou-se em baques surdos e por fim fortes, próximos, constantes, velozes: um galope.

O Conselheiro teve apenas tempo de levantar-se antes que as portas do quarto se escancarassem num estrondo sob o choque de cascos e revelassem o corpanzil de um belo corcel negro. O velho nada fez, por

PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

vontade própria ou incapacidade, quando viu o animal adentrar o aposento tendo em seu dorso uma menina. Ou antes, uma mulher: nua como um bebê, apenas os longos cabelos cor de ouro cobrindo mal e mal suas vergonhas. Ele reconheceu em seu rosto as feições da Princesa. Mas a filha do Rei era uma criança inocente e impetuosa, com a meiguice que a boa vida no castelo conferia; esta mulher tinha na face a dureza de um guerreiro e a determinação de um monarca.

– Sua alteza – guaguejou o homem. – Ainda vive. Abençoada seja!

Mas ela o olhou apenas por um instante antes de deslizar do lombo do animal para o chão, onde os pés descalços mal soaram ao pousar.

– Meu pai – disse, debruçando-se sobre a cama. O velho reconheceu a voz da filha, mas conteve o esforço de se mover ao avistar a cabeça negra que se aproximava da sua.

O chifre do Unicórnio reluziu à parca luz das velas e sua ponta tocou a testa do Rei. Repousou ali por um momento; o enfermo então sugou o ar com força, seu corpo magro se retesou e suas mãos se crisparam nos lençóis. Desabou suavemente na cama. Seus olhos se abriram morosamente e a boca tremeu, mas nada disse. Ele estava assombrado.

– Às vezes nós tentamos tomar pela violência aquilo que nos seria concedido de bom grado – disse a Princesa, afagando complacente as rugas do soberano. – Perde-se, assim, a honra. Perde-se a sanidade.

Então, voltou-se para o Conselheiro.

– Meu pai está curado – falou com autoridade. – Logo, estará de pé e forte como um varão. Mas precisa repousar ainda um pouco mais. Devemos deixá-lo.

Apanhou as cortinas do dossel e cerrou-as, isolando o rei convalescente.

– Sua alteza... – O velho enrubescia diante do corpo nu da mulher, mas ela já não sentia vergonha de sua nudez.

– Você desejava casar-me com o Príncipe Inimigo. Bem, eu o conheci, e não acredito que daria um bom esposo para qualquer mulher. Traga-me pois papel, tinta e pena; irei descrever, ato por ato, tudo o que ele e seus homens me infligiram. Quando meu pai acordar, você entregará minha carta a ele. O Rei fará o que desejar com esse conhecimento.

PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

Os olhos do Conselheiro cresceram ainda mais de espanto e angústia.

– Sua alteza, o que ele...

– Apenas prometa.

– Eu prometo, minha Princesa – respondeu, submisso.

A mulher sorriu para ele um sorriso desconhecido: entre esperto e amargo.

– Sua Princesa está morta – disse. Subiu ágil para o dorso do corcel e acarinhou seu pescoço, deixando que suas mãos afundassem na crina densa. – Assim como o Príncipe Inimigo logo estará, se o Rei ainda for o homem que já foi.

O Conselheiro observou mudo enquanto a dupla saía a galope no mesmo caminho pelo qual havia chegado. Ficou vendo a Princesa, mulher, não mais menina, afastar-se pelo corredor montada no imenso Unicórnio de pêlo negro, os cabelos dourados, livres, selvagens, varrendo as costas do animal.

Ele então olhou para a janela, pensando que o paraíso de uns é o inferno de outros. O sol acenou detrás das nuvens, concordante.

Fim.

PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com